

## AVICENA (IBN SĪNĀ - 980-1037) E O ARGUMENTO METAFÍSICO DA UNICIDADE DE DEUS NA HERMENÊUTICA ALCORÂNICA

*Jamil Ibrahim Iskandar<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma tradução da hermenêutica sobre a unicidade de Deus de um capítulo (sura) do Alcorão, de acordo com o pensamento de Avicena (Ibn Sīnā). É o capítulo denominado capítulo do Monoteísmo, cujo número é 112 no Alcorão. Antes, porém, há uma introdução sobre o que representou o Alcorão nos primórdios do Islã e a sua influência no desenvolvimento da filosofia e da teologia em terras do Islã. Nesse texto, pode ser constatado que, na doutrina islâmica, o primeiro fundamento e o mais rigoroso é a unicidade de Deus. É sobre isso que este artigo discorre.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia Islâmica. Filosofia Medieval Árabe. Avicena. Ibn Sīnā. Exegese Alcorânica,

### INTRODUÇÃO

O Alcorão<sup>2</sup>, Livro Sagrado dos muçulmanos, está na raiz da origem da filosofia no mundo islâmico. Essa Escritura fez surgir na Península Arábica uma nova religião, o Islã, fundamentada na rigorosíssima unicidade de Deus (tawhīd)<sup>3</sup> e preceitos para os prosélitos, no âmbito social, comercial, familiar, econômico, jurídico, artístico, entre outros, que na Arábia pré-islâmica não existiam. De acordo com a doutrina islâmica, esse Livro foi revelado ao Profeta Muhammad<sup>4</sup> (570-632) pelo arcanjo Gabriel, no espaço de 23 anos de sua

<sup>1</sup> Professor de História da Filosofia Medieval Árabe na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos.

<sup>2</sup> Em alguns casos, não utilizaremos a transliteração das letras árabes para o português, por questões de recursos técnicos.

<sup>3</sup> O traço horizontal sobre a letra equivale ao acento agudo na língua portuguesa.

<sup>4</sup> Na língua portuguesa, Muhammad é conhecido impropriamente como Maomé.

vida profética<sup>5</sup>; de 610 a 632. É importante saber que, para os muçulmanos, é absolutamente inaceitável afirmar que esse Profeta tenha escrito o Alcorão; ele foi apenas um Mensageiro de Deus (Rassūl Allāh) e fundador do Islã.

Ao receber as revelações dos versículos do Alcorão<sup>6</sup>, o Profeta pedia aos escribas para que anotassem. Outro procedimento muito importante foi o papel dos memorizadores. Enquanto os escribas anotavam as revelações, os memorizadores (ḥuffāz - plural de ḥāfiẓ) guardavam em suas memórias, fato este que foi relevante para posterior cotejamento entre o que estava anotado e o memorizado. Após a morte do profeta, ele foi sucedido por quatro califas, denominados os “Bem Guiados” (*Al-Rāshidūn*). São eles, na ordem cronológica: *Abu Bakr*, *Omar*, *Uṭmān* e *Ali*. O terceiro Califa, *Uṭmān*, que governou a região de 644 a 656, constitui um grupo de pessoas notáveis por sua confiabilidade diante da comunidade muçulmana (*Ummah*), para reunir as anotações dessas revelações. Com base nisso, foram “editados” cinco exemplares do Alcorão e distribuídos às principais cidades do mundo islâmico da época. Segundo os historiadores, sobretudo os especialistas na historiografia do Islã, tais anotações não sofreram nenhuma alteração em seu conteúdo. Permaneceram na íntegra, tal como o Profeta havia deixado.

Estabelecido o Livro Sagrado, os muçulmanos perceberam a necessidade de se dedicar ao entendimento de seu conteúdo, à exegese alcorânica; era preciso compreender a mensagem Divina! É exatamente essa postura que propiciou o desenvolvimento teológico e filosófico no mundo árabe-muçulmano e deu origem ao *tafsīr* (explicação) e ao *taʾwīl* (hermenêutica) do Livro. A maioria dos filósofos muçulmanos pensava que a filosofia só tinha a acrescentar à fé islâmica; por outro lado, este não foi o entendimento de alguns teólogos muçulmanos. Ambos, porém, concordavam quanto à universalidade da mensagem do Alcorão.

É oportuno lembrar que O Profeta não foi apenas Mensageiro de Deus para os muçulmanos, mas para toda humanidade (lil ‘alamīn). Este é o entendimento na doutrina islâmica.

Assim sendo, a aproximação entre fé e razão foi um dos elementos utilizados para compreender em profundidade o conteúdo alcorânico que

---

<sup>5</sup> Para uma ampla exposição sobre a história do Alcorão, pode-se consultar: ISKANDAR, J. I. *Al-Qurʾān: O Corão, o Livro Divino dos Muçulmanos*. In: PEREIRA, R. H. S. (Org.). *O Islã clássico: itinerários de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 97-128.

<sup>6</sup> O Alcorão é composto de 114 capítulos (suwar).

indubitavelmente é, para os muçulmanos, a autoridade máxima em termos de conduta social, econômica, política, ética, jurídica, familiar, comercial etc. Para isso, num primeiro momento, recorreram à filosofia grega antiga, particularmente às filosofias de Platão, Aristóteles, e, posteriormente, aos textos de Alexandre de Afrodísia, de Plotino, entre outros.

O nosso foco aqui é um texto do Alcorão interpretado por Avicena<sup>7</sup>, um dos mais conhecidos, senão o mais conhecido filósofo muçulmano, tanto no Ocidente como no Oriente por sua prodigiosa produção filosófica. Ele foi um médico e filósofo muito precoce e extremamente dedicado à compreensão da doutrina islâmica pelo viés filosófico. A prova da unicidade de Deus (*tawhīd*), fundamento máximo da religião muçulmana, é tema de várias de suas obras<sup>8</sup>, incluindo-se nestas o trabalho de hermenêutica voltado para alguns capítulos do Alcorão, como é o caso do capítulo “do Monoteísmo”, exposto mais adiante.

Por exemplo, na obra *A origem e o retorno*, indicada em nota neste texto, o nosso filósofo inicia o primeiro capítulo fazendo uma exposição sobre os tipos de ser, a saber: o ser possível, ou contingente; o ser necessário por intermédio de outro ser; e o ser necessário por si mesmo, por sua própria essência. O Ser Necessário por si mesmo, segundo Avicena, é Deus. O desenvolvimento dessa noção dos modos do ser foi muito importante para o argumento a respeito da unicidade divina na Idade Média, para as três grandes religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Retomando a questão da interpretação, há no Alcorão certos capítulos que são bastante explícitos e outros tidos como alegóricos, pois nestes há certos termos usados em sentido figurado, metafórico. Os primeiros, os explícitos, são simples quanto ao entendimento pela maioria das pessoas, mas os alegóricos que, do ponto de vista filosófico, podem ser considerados equívocos, estes, sim, podem resultar em interpretação, hermenêutica equivocada, quando há insuficiência na interpretação. Desse modo, e para um trabalho eficaz, é preciso levar em conta esses dois aspectos do conteúdo alcorânico. Por exemplo: o capítulo XLVIII: 10<sup>9</sup> afirma: “A mão de Deus está sobre suas mãos”. Deus não pode ser antropomorfizado como tendo mãos, mas deve-se compreender como sendo a ajuda de Deus aos seres humanos.

<sup>7</sup> Sobre a biografia de Avicena, pode-se consultar: *Avicena. A origem e o retorno* (al-Mabda’ wa al-Ma’ād). Tradução e aparelho crítico de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>8</sup> Veja-e, a título de exemplo, a sua metafísica (*Ilahiyāt*) e a obra citada na nota anterior.

<sup>9</sup> Os algarismos romanos indicam o capítulo e os arábicos, o versículo.

Há que se considerar, ainda, o estudo dos conceitos metafísicos do Alcorão. Por exemplo, o capítulo LXXXVII, denominado “O Altíssimo”.

(Al-'A'la), no seu versículo 1, tem uma mensagem metafísica significativa se for interpretada de modo correto. Vejamos: o versículo diz: “Glorifica o nome de teu Senhor, o Altíssimo”. Temos aqui mais de uma interpretação sobre a palavra “nome” (*ism*). Alguns estudiosos afirmam que “nome”, nessa frase, equivale a Deus e, dessa maneira, a tradução do versículo ficaria “Glorifica a Deus, o Altíssimo”. Outros defendem que a palavra “nome” é uma referência a Deus. Como se vê, praticamente não há divergência em ambas as interpretações. No entanto, o mais importante a ser apreendido do texto é para que não se atribua a Deus um nome ou Lhe deem atributos humanos que terminantemente não se aplicam a Deus, porque são específicos dos seres humanos. O outro termo do versículo, o “Altíssimo” (A'la): essa palavra significa “o mais alto” e expressa que Deus é superior a todas as criaturas, e está além de qualquer comparação possível ao intelecto humano. É justamente esse tipo de conjecturas, também, que fez crescer a bibliografia sobre a hermenêutica alcorânica, tanto por filósofos como por teólogos.

A seguir, tem-se a exposição da hermenêutica de um capítulo alcorânico segundo a compreensão de Avicena<sup>10</sup>, traduzido diretamente do árabe.

– Capítulo do Monoteísmo (Al-İhlās), cujo nº na sequência do Alcorão é 112, composto de 4 versículos expostos abaixo:

1. Dize: Ele é Deus, Único
2. Deus é O Perpétuo<sup>11</sup>.
3. Não gerou e não foi gerado.
4. E não há ninguém igual a Ele.

## INÍCIO DA TRADUÇÃO

Dize: Ele é Deus Único. A partir deste versículo, Avicena inicia a hermenêutica, afirmando: o “Ele” absoluto é aquele cuja substância<sup>12</sup> não

<sup>10</sup> Texto extraído de *Rasā'il (Epístolas)* de Ibn Sīnā. Quom, Irã: Intisharāt Baidar, 1979, p. 212-219.

<sup>11</sup> Perpétuo. Tradução de *šamad*, termo que comporta também ser traduzido como *impenetrável*, que nada lhe atinge ou modifica.

<sup>12</sup> Substância. Tradução de *huwīya*. Indica a substância-sujeito, a substância primeira; a maneira de ser de uma substância primeira.

depende de outro, pois qualquer coisa que tenha sua substância dependente de outro adquire sua substância desse outro; e quando não se considera esse outro, então, não terá identidade<sup>13</sup>. Tudo aquilo cuja substância é<sup>14</sup>, por si mesma, preserva sua identidade, levando-se o outro em consideração ou não. Todo (ser) possível<sup>15</sup> adquire sua existência por intermédio de outro; e tudo que existe por intermédio de outro, a particularidade de sua existência provém de sua causa e esta é a sua substância. Portanto, a substância de qualquer (ser) possível é proveniente de outro. Porém, aquele cuja substância existe por sua própria essência é o Ser Necessário<sup>16</sup>. E toda coisa cuja quiddidade<sup>17</sup> sofre alteração em função de sua existência, então, sua existência, nesse caso, é por intermédio de outro e sua substância não será a quiddidade para a sua própria quiddidade; sua identidade não é por si mesmo, e sua existência determinou sua quiddidade. Contudo, a identidade do Princípio Primeiro é por si mesma.

Não há outro “*Ele*” senão o Ser Necessário, pois a substância desse outro não seria em função de sua identidade; sua substância seria proveniente de outro e a identidade do Ser Necessário é através de sua própria essência. Sua essência é, certamente, Dele e não (pertence) a outro. Essa substância e essa particularidade do (Ser Necessário) são noções que não têm nome; não é possível explicá-las, a não ser por seus concomitantes<sup>18</sup>. Ademais, os concomitantes podem ser correlativos e negativos. Os concomitantes correlativos são conhecidos melhor do que os negativos. O mais adequado para ser conhecido é o concomitante que reúne as espécies correlativas e negativas, e isso é o que gera a substância; é o seu instrumento, e o instrumento é o que um outro é relacionado a ele e não ele a um outro. O instrumento absoluto é assim<sup>19</sup> com todos os existentes, então, relacionar um outro a Ele se dá por correlação, e a não relação de seu ser a outro é negativa.

Não é possível expressar (a noção) da substância Divina, porque não se pode expressá-la em função de sua (elevada) Dignidade e Majestade, é

---

<sup>13</sup> Identidade. Tradução de *lam yakun huwa huwa.*, isto é, “ele não é ele (mesmo)”. A repetição do pronome *Ele (huwa)* é para acentuar, designar a identidade de algo. Doravante, utilizaremos o termo *identidade* para substituir a repetição do pronome *ele é ele (mesmo)*, (*huwa huwa*).

<sup>14</sup> Este “é” é empregado com o sentido de existir, estar em ato.

<sup>15</sup> Possível em oposição ao necessário.

<sup>16</sup> Na filosofia aviceniiana, Ser Necessário (Wājib al-Wujūd) é Deus.

<sup>17</sup> Quiddidade. Tradução de *māhiya*; substância segunda, substância atributo.

<sup>18</sup> Concomitantes ou consequentes.

<sup>19</sup> É assim: tem estas características; todos os existentes são relacionados a ele.

possível, porém, explicá-la pela afirmação de sua identidade. Ademais, a explicitação dessa substância só se dá por intermédio de seus concomitantes<sup>20</sup>. Já esclarecemos que alguns concomitantes são correlacionais e outros são negativos<sup>21</sup>, esclarecemos, também, que o mais adequado para ser conhecido e para explicar sua substância deve ser feito pelos dois casos<sup>22</sup>. Esclarecemos, ainda, que o nome de Deus, Altíssimo Seja, os abarca conjuntamente. Não há delito em dizer (Ele)<sup>23</sup> para fazer menção a Deus, a fim de que (a palavra) Deus desvele aquilo que a expressão “Ele” quer indicar e explicar. Há outras sutilezas também<sup>24</sup>. Uma dessas sutilezas é que, quando se conhece essa substância primeira através de seus concomitantes, desde que essa substância seja, realmente, a Divindade, percebe-se que Ele não tem algo que O faz subsistir; caso contrário, a descrição dessa (substância) através de seus concomitantes seria ineficaz. Outra questão: quando se explica essa substância pela necessidade que se tem da Divindade, decorre disso que essa (Divindade) é única e está no máximo (grau) quanto à unidade. Há que advertir que, ao estar no extremo máximo da unidade e não havendo nada que a faça subsistir<sup>25</sup>, não é possível, então, conhecer (essa substância) a não ser pelos concomitantes. O discurso sobre essa substância que não tem explicação converte-se em omissão, caso se queira explicá-la com base em algo que a faça subsistir; (sua explicação) limita-se à menção dos concomitantes; ela é a Divindade em função de sua unidade e da completude de sua simplicidade<sup>26</sup>. Os intelectos são limitados para aderir<sup>27</sup> a ela, sem os princípios da irradiação de suas luzes. E ainda: a substância do Princípio Primeiro tem muitos concomitantes e todos esses concomitantes têm uma ordem; os concomitantes são causados por uma coisa única. Da Verdade simples, sob todos os aspectos, não provém mais do que “um” e, também, segundo a ordem que provém Dele, tanto no comprimento como na largura. O concomitante próximo<sup>28</sup> é conhecido melhor do que o concomitante distante. A (situação) do homem maravilhado, por exemplo, é conhecida melhor do que a situação do homem rindo; por isso, quem pretende

<sup>20</sup> Concomitantes ou consequentes.

<sup>21</sup> Isso foi dito nas linhas anteriores.

<sup>22</sup> Pelos dois casos. Pelos concomitantes relacionais e negativos.

<sup>23</sup> Os parêntesis são do texto original.

<sup>24</sup> Outras sutilezas: outras sutilezas, explicações delicadas quanto à explicação da expressão Deus.

<sup>25</sup> Significa que ela subsiste por si mesma.

<sup>26</sup> Simplicidade: de simples, em oposição ao que é composto.

<sup>27</sup> Aderir, no sentido de apreendê-la.

<sup>28</sup> Próximo: no sentido de próximo ou distante, mais fácil e menos fácil para o nosso entendimento.

conhecer a quididade de alguma coisa, através de seus concomitantes, (deve saber) que quanto mais próximo for o concomitante, o conhecimento a seu respeito será mais vigoroso.

Vamos mencionar isto de modo mais amplo quanto aos esclarecimentos: o concomitante distante de uma coisa não é verdadeiramente causado por uma outra coisa, mas é causado em relação à sua causa; e uma coisa que tem causa não é conhecida verdadeiramente, a não ser que se conheça suas causas. Assim sendo, se se quer conhecer a quididade de uma coisa por meio de seus concomitantes distantes, isso não será um conhecimento verdadeiro; o conhecimento verdadeiro é que se conheça pelo concomitante próximo à coisa que se quer conhecer e pelo que essa coisa exige para si e não para outro.

O Princípio Primeiro não necessita de concomitante anterior à sua necessidade de ser; Ele é Ser Necessário e, em função de sua necessidade de ser, é necessário que seja princípio de tudo, excetuando Ele<sup>29</sup>. A união dessas duas questões é a Divindade - por isso, quando se menciona a substância pura, verdadeiramente simples, não é possível que seja descrita a não ser pela expressão “Ele”. É imprescindível que se conheça essa substância pelos concomitantes através das coisas que necessitam dessa substância, ou seja, da Divindade que reúne o concomitante negativo e o afirmativo. Louvado Seja (Deus), quão majestosa é a Sua Dignidade e quão Triunfante é a Sua Soberania; Ele provê as necessidades e acolhe as súplicas dirigidas a Ele. Não carece do mínimo de dignidade, de majestade, de beatitude e de esplendor, ainda que seja descrito pelo que é possível ser feito<sup>30</sup> e pela mais elevada descrição. Mas, das coisas possíveis de dizer e que não é vedado mencionar, é o exposto em Seu Livro Nobre<sup>31</sup> e depositado na revelação santa<sup>32</sup> e nos signos<sup>33</sup> puros, evidentes e elevados. Cabe aqui uma pergunta, a saber: se não é possível conhecer a Sua quididade, Altíssimo Seja, a não ser pela correlação e negação, evidenciada seja Sua Majestade, e Ele é ciente da mesma<sup>34</sup>; e Nele o intelecto, quem entende e

---

<sup>29</sup> Excetuando Ele: no sentido de que Ele não pertence a esse “tudo” indicado na frase.

<sup>30</sup> Pelo que é possível ser feito em termos de descrição, explicação possível ao ser humano.

<sup>31</sup> Livro Nobre: o Alcorão.

<sup>32</sup> Revelação santa. É uma referência ao Profeta do Islã, Muhammad, a quem o Alcorão foi revelado.

<sup>33</sup> Os signos aos quais Avicena está se referindo são os signos, sinais, evidências de Deus, contidos no Alcorão.

<sup>34</sup> Ciente da mesma. Ciente da quididade.

o inteligido são um, por que, então, isso não é mencionado<sup>35</sup> e a descrição a respeito Dele se limita apenas aos concomitantes?

Respondemos: o Princípio Primeiro não tem algo que o faça subsistir; Ele é “Um” puro e simplicidade<sup>36</sup> pura; não há Nele multiplicidade nem dualidade. Seu intelecto o é por Sua essência, não entende por meio de sua essência coisas que fazem algo subsistir, mas entende por intermédio de sua essência apenas a substância primeira pura, simples e isenta de multiplicidade sob todos os aspectos, e essa unidade tem concomitantes. Se essa substância primeira for explicada por meio dos concomitantes próximos<sup>37</sup>, ficará esclarecido que Sua existência, própria (Dele), advém de Si mesmo. Há para isso um princípio na Filosofia, ou seja, que o conhecimento das (coisas) simples através dos concomitantes próximos quanto à completude é igual ao conhecimento das (coisas) compostas com a menção ao que as faz subsistir. O conhecimento importante é o que acontece na alma, e esta exige a verdade. Se o que se pretende averiguar é simples e for conhecido pelos concomitantes próximos e isso ocorrer na alma, logo, o conhecimento pelos concomitantes próximos está ligado ao intelecto por uma exigência verdadeira. Essa via é igual ao conhecimento dos compostos através do que os faz subsistir. Continuando: o Seu dizer<sup>38</sup>, Altíssimo Seja, “Único” é um empenho para (compreender) a unidade. O esforço completo quanto ao (conhecimento) da unidade só se realiza se for por uma averiguação das mais vigorosas e completas. O “um” é atribuído como predicado ao que está subordinado a Ele, por meio da dúvida, porém, aquele que não se divide sob nenhum aspecto é prioritário quanto à unicidade do que aquele que se divide sob certos aspectos. Aquele que se divide por meio do intelecto é prioritário com relação àquele que se divide pelos sentidos. E aquele que se divide potencialmente através dos sentidos é prioritário quanto à unicidade do que aquele que se divide em ato e tem uma unidade abrangente e, também, é prioritário quanto à unidade do que aquele que se divide em ato, contudo, sua unidade não é abrangente; sua unidade é em função da relação com um princípio. Se for confirmado que a unidade é receptiva ao mais forte e ao mais fraco e o “um” é predicado atribuído duvidosamente ao que está subordinado a Ele, então, o mais completo quanto à unidade é aquele que não tem uma outra coisa mais intensa do que ele quanto à unidade; caso

---

<sup>35</sup> Não é mencionado nesse texto.

<sup>36</sup> Simplicidade, em oposição ao que é composto.

<sup>37</sup> Avicena já tinha afirmado anteriormente que os concomitantes próximos são mais eficientes em termos de fazer conhecer alguma coisa.

<sup>38</sup> O Seu dizer. É o que está exposto no capítulo alcorânico que está sendo explicado.

contrário, não está no grau máximo da unidade e não é “um” absoluto, seria, pois, “um” em comparação à uma coisa, porém, inferior a essa coisa.

O dizer<sup>39</sup> “Um” do Altíssimo indica que é “Um” sob todos os aspectos e não há (Nele) multiplicidade conceitual pela multiplicidade dos subsistentes, como, por exemplo, os gêneros e as diferenças específicas ou multiplicidade das partes ativas; como, por exemplo, a matéria e a forma no corpo. E não há multiplicidade dos sentidos tanto em potência como em ato, porque (Ele) é isento de gênero e de diferença específica, isento da matéria, da forma, dos acidentes, de partes, de órgãos, de formatos, de cores e outras espécies de divisão que maculam a Unidade Completa, Simples, Verdadeira, Permanente de Deus, evidenciada seja Sua Dignidade e Altíssimo Seja. Ele não se assemelha a alguma coisa ou equivale a algo.

Se entusiasticamente for alegado: se a questão<sup>40</sup> está incluída nesse termo<sup>41</sup>, onde está a prova neste capítulo<sup>42</sup>? Dizemos: a prova disso é que tudo aquilo cuja substância primeira ocorre por meio da união de partes, assim, sua substância é constituída por essas partes e, desse modo, sua identidade não advém de sua essência, mas de outro. Porém, a identidade do Princípio Primeiro é constituída por sua própria essência e isso é indicado no seguinte dizer do Altíssimo: Dize: (*Ele é Deus, Único; Deus é O Perpétuo (Impenetrável)*)<sup>43</sup>. Na linguagem, há dois sentidos para a palavra *Şamad* (Perpétuo, Impenetrável). Um destes é que (alguém que é Eterno, Impenetrável) não tem parte oca, não tem vazio; o outro sentido significa “Senhor”. O primeiro sentido é negativo e indica o aniquilamento da quiddidade. Porém, tudo que tem quiddidade tem parte oca e cavidade e esta é a quiddidade. Quem não tem cavidade e existe, não tem nenhuma consideração sob nenhum aspecto quanto à sua essência, mas só tem quanto à existência. Aquele que não é considerado a não ser por sua existência não é receptivo ao não-ser. Todavia, uma coisa que tem identidade (por si mesma) existe não receptiva ao não-ser. Portanto, o Perpétuo, Impenetrável, Verdade, é o Ser Necessário absoluto sob todos os aspectos. E, pelo segundo sentido (Perpétuo, Impenetrável), é utilizado por correlação e significa Senhor de tudo, isto é, Princípio de tudo. É possível que

<sup>39</sup> Idem.

<sup>40</sup> A questão. A questão da Unidade de Deus, à qual o capítulo alcorânico se refere.

<sup>41</sup> O termo é o “Um”, citado anteriormente no texto.

<sup>42</sup> Capítulo. Refere-se ao capítulo do Alcorão que Avicena está comentando. É o capítulo nº 112, denominado “Capítulo do Monoteísmo”.

<sup>43</sup> Os parêntesis são do texto original, com exceção dos parêntesis internos.

o que se pretende com o capítulo<sup>44</sup> seja os dois<sup>45</sup>; é provável que o instrumento seja isto: a Divindade expressando os dois casos, o (concomitante) negativo e o (concomitante) afirmativo. E, ainda: Seu dizer (*Não gerou e não foi gerado*)<sup>46</sup>: ao se evidenciar que Ele, Exaltado e Altíssimo Seja, é fundamento de tudo e tudo depende Dele e concede a existência e a emanção da existência por generosidade a todas as quididades, fica evidente, Louvado Seja, que não se admite que proceda algo igual a Ele, mesmo que se estime o seguinte: uma vez que Sua substância exige a Divindade cujo significado é a emanção de tudo e a existência de tudo, é provável que emane de Sua existência uma existência igual, a fim de que tenha um filho. No entanto, ficou claro que, Louvado Seja, não gera a partir Dele um igual, pois aquele que gera a partir de si um igual, sua quididade é associada entre Ele e o outro e não há como se individualizar<sup>47</sup> a não ser por uma matéria e as relações que essa matéria tem. Tudo que é material tem relação com a matéria e é gerado a partir de outro. Então, a avaliação deste discurso é assim: não foi gerado, porque não gera<sup>48</sup>.

Se for perguntado qual é a indicação, neste capítulo do Alcorão, que o Altíssimo não foi gerado? Respondemos: considerando-se Sua identidade mencionada no início do capítulo do Alcorão, e Sua substância sendo por si mesma, é impossível, então, que seja gerado a partir de outro, caso contrário, sua substância seria adquirida e não teria tal identidade por Si mesmo. Há nisso uma advertência sobre um mistério relevante, a saber: a definição vinda do Alcorão sobre a geração e cômputo tem a seguinte explicação: a geração<sup>49</sup> é a disjunção de uma coisa a partir de outra; dessa forma, daquele que não tem igual não se pode dizer que tenha um filho. Aquele a partir do qual algo se disjunta exige que haja passividade (do que se disjunta); uma coisa torna-se passiva, quando sua quididade se torna múltipla quanto à espécie, e isso se dá em função da matéria, como já foi esclarecido. Tudo que é material, sua quididade não é a sua substância, mas a quididade do Ser Necessário é a sua substância. Assim sendo, Dele não é gerado outro nem Ele é gerado a partir de outro. E, ainda, com relação ao capítulo do Alcorão: a frase (*Não há*

<sup>44</sup> Capítulo do Alcorão em pauta.

<sup>45</sup> Os dois: o conhecimento pelos concomitantes afirmativos e negativos.

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Individualizar: tornar-se indivíduo.

<sup>48</sup> Não foi gerado, porque não gera, ou seja, não gera um filho.

<sup>49</sup> A geração: é a geração de um filho.

*ninguém igual a Ele*)<sup>50</sup>: ao ficar evidente que não é gerado a partir de um igual a Ele e um igual a Ele não é gerado a partir Dele, fica, também, evidente que não cabe atribuir-Lhe um igual; ou seja, Ele, realmente, não tem igual. Isso significa que não é possível algo Lhe seja igual e no mesmo grau e na mesma intensidade da existência. O que é equivalente a outro, na intensidade da existência, comporta dois aspectos: o primeiro aspecto é que seja equivalente na quiddidade específica<sup>51</sup>; o segundo aspecto é que deve ser equivalente na necessidade de existir. Se houver equivalência na quiddidade específica, isso será falso, de acordo com as palavras do Altíssimo, no versículo “*Que não é gerado*”. Todo aquele que tem uma quiddidade comum entre ele e outro, sua existência é material e é gerado a partir de outro, mas (Ele) não é gerado a partir de outro. Quanto a ter algo que Lhe seja equivalente quanto à quiddidade de gênero e sendo Ele o doador da existência, isso o versículo anterior também rejeita, caso contrário, teria gênero e diferença específica e Sua existência seria gerada a partir da dualidade advinda de um gênero igual a “m” e de uma diferença específica igual a “b”<sup>52</sup>, todavia, Ele não é gerado e esta não geração é exposta no início do capítulo alcorânico; Ele tem Sua própria identidade.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim. Avicenna (Ibn Sīnā - 980-1037) and the metaphysical argument for the unity of God in the hermeneutics of the Qur’an. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 35, p. 31-42, 2012. Edição Especial.

**ABSTRACT:** This paper presents a translation of the hermeneutics of the oneness of God from chapter (sura) 112 of the Qur’an (the Chapter on Monotheism), according to the thought of Avicenna (Ibn Sīnā). First, however, there is an introduction which presents the Qur’an in the early days of Islam, as well as its influence on the development of philosophy and theology in Islamic lands. It may be noted in this text that the first and most rigorous foundation is Islamic doctrine is the oneness of God.

**KEYWORDS:** Islamic philosophy. Medieval Arabic Philosophy. Avicenna. Ibn Sīnā. Qur’anic exegesis.

<sup>50</sup> Os parêntesis são do texto original.

<sup>51</sup> Específica: relativo à espécie.

<sup>52</sup> Avicena está usando duas letras do alfabeto árabe aleatórias, Isto é, não consecutivas.

## REFERÊNCIAS

AVICENA (Ibn Sīnā). *A origem e o retorno*. Introdução e aparelho crítico de Jamil Ibrahim Iskandar. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GOICHON, M.A. *Léxique de la langue philosophique d'Ibn Sīnā*. Paris: Desclée de Brouwer, 1938.

IBN SĪNĀ. *Epistolas (Rasā'il) de Ibn Sīnā*. Qom, Irã: Intisharāt Baidar, 1979.

ISKANDAR, J. I. Al-Qur'ân: O Corão, o Livro Divino dos Muçulmanos. In: PEREIRA, R. H. S. (Org.). *O Islã clássico - itinerários de uma cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.